

RAY BRADBURY

«UM CLÁSSICO MODERNO.»

The Washington Post

**CRÓNICAS
MARCIANAS**



cavalo de ferro

CIDADE VERDE, ALGURES EM MARTE; MARTE, ALGURES NO EGIPTO uma introdução de Ray Bradbury

Não me digam o que estou a fazer. Não quero saber!

Estas palavras não são minhas. Foram proferidas pelo meu amigo Federico Fellini, o cineasta italiano. Depois de filmar as cenas dos seus argumentos uma a uma, Fellini recusava ver as novas imagens captadas pela câmara e reveladas no laboratório no final de cada dia de rodagem. Desejava que as cenas permanecessem mistérios *provocateurs* que o fossem encantando.

O mesmo tem acontecido com os meus contos, peças e poemas ao longo de quase toda a minha vida. O mesmo aconteceu com *Crónicas Marcianas* nos anos que antecederam o meu casamento, em 1947, culminando nas rápidas surpresas da obra final no Verão de 1949. O que começara como uma história ocasional ou um «aparte» sobre o Planeta Vermelho transformou-se numa explosão de romã em Julho e Agosto daquele ano. Nessa altura, costumava saltar para junto da minha máquina de escrever todas as manhãs, a fim de descobrir a coisa rara que a minha Musa tinha para me oferecer.

Mas teria eu realmente uma Musa? E teria eu sempre acreditado nessa figura mítica? Não. No início, durante o meu percurso intermitente pelo liceu, ou quando vendia jornais na esquina, fiz o que a maioria dos escritores faz quando começa a escrever: emulei os mais velhos, imitei os meus pares, afastando-me assim de qualquer possibilidade de descobrir as verdades escondidas sob a minha pele e por detrás dos meus olhos.

Apesar de ter escrito várias histórias estranhas/fantásticas bastante interessantes, publicadas quando tinha vinte e poucos anos, nada aprendi com elas. Recusava-me a aceitar que estava a revolver muitas ideias boas na minha cabeça e a prendê-las no papel. As minhas histórias peculiares eram vívidas e reais. Os meus contos sobre o futuro retratavam robôs sem vida, mecânicos e estáticos.

Foi o livro *Winesburg, Ohio*, de Sherwood Anderson, que me libertou. Por volta do meu vigésimo quarto ano de vida, fiquei maravilhado com as dezenas de personagens que passavam a vida em alpendres mal iluminados e sótãos sombrios naquela cidade onde era sempre Outono. «Oh, meu Deus», gritei, «se eu conseguisse escrever um livro quase tão bom quanto este, mas passado em Marte, seria incrível!»

Escrevinhei, então, uma lista de possíveis locais e personagens desse mundo distante, imaginei títulos, iniciei e interrompi uma dúzia de histórias, até que as arqueei e me esqueci delas. Ou *imaginei* tê-las esquecido.

Na verdade, a Musa persiste. Apesar de negligenciada, ela continua a viver, aguardando que a deixe respirar ou morrer sem expressão. O meu trabalho era convencer-me a mim próprio de que o mito era mais do que um simples fantasma, uma substância intuitiva que devia ser despertada, capaz de falar línguas desconhecidas e saída das pontas dos meus dedos. Ao longo dos anos que se seguiram, escrevi uma série de *pensées* marcianos, «apartes» shakespearianos, reflexões errantes, longas visões nocturnas, sonhos deixados a meio antes da aurora. Os franceses, como Saint-John Perse, exercitam esta prática até à perfeição. É o parágrafo metade poema, metade prosa, que pode ter somente uma centena de palavras ou abarcar uma página inteira sobre qualquer tema, convocado pelo tempo, pelo clima, pela arquitectura das fachadas, por um bom vinho, por boa comida, por uma vista de mar, por um rápido pôr-do-sol ou por um amanhecer prolongado. A partir destes elementos, é possível regurgitar umas meras bolas de pêlo ou produzir um solilóquio delirante ao estilo de Hamlet.

Em todo o caso, registei esses meus *pensées* sem nenhuma ordem ou plano em particular e sepultei-os junto de uma dúzia de outros contos.

Foi então que algo feliz aconteceu. Norman Corwin, o melhor escritor/director de rádio, insistiu que eu fosse até Nova Iorque para ser «descoberto». Cedendo à sua insistência, meti-me num autocarro com destino a Manhattan, passei algum tempo na YMCA e conheci Walter Bradbury, o excelente editor da Doubleday, com o qual não tenho qualquer grau de parentesco, que insinuou que eu talvez tivesse tecido uma tapeçaria sem precedentes. Perguntou-me se eu não queria juntar todos aqueles contos marcianos sob o título *Crónicas Marcianas*.

– Meu Deus – murmurei. – *Winesburg, Ohio!*

– O quê? – perguntou Walter Bradbury.

No dia seguinte, entreguei-lhe um esboço das *Crónicas*, juntamente com um plano para *O Homem Ilustrado*. Voltei para casa de comboio com um cheque de mil e quinhentos dólares na carteira, que me deu para pagar a renda (trinta dólares mensais) durante dois anos e as despesas com o nascimento da nossa primeira filha.

O livro *Crónicas Marcianas* foi publicado no final da Primavera de 1950 e recebeu poucas críticas. Christopher Isherwood foi o único a colocar-me uma coroa de louros na cabeça ao apresentar-me a Aldous Huxley. Este, enquanto bebíamos um chá, inclinou-se na minha direcção e perguntou:

– Sabe o que você é?

Não me digam o que estou a fazer, pensei. Não quero saber.

– Você – disse Huxley – é um poeta.

– Que eu seja amaldiçoado! – respondi.

– Não, abençoado – disse Huxley.

Verdadeiramente, geneticamente abençoado.

E essa bênção está neste livro.

Conterá vestígios evidentes de Sherwood Anderson? Não. A incrível influência deste autor há muito que se dissolvera no meu íntimo.

É possível apercebermo-nos de alguns resquícios de *Winesburg, Ohio* no meu outro livro-de-histórias-disfarçado-de-romance, *Dandelion Wine*. Contudo, não existem imagens espelhadas. Na obra de Anderson, o grotesco materializa-se em gárgulas espalhadas pelos telhados da cidade; na minha, corporizam-no os cães pastores, as velhas solteiras desorientadas à frente de uma máquina de bebidas, um rapaz supersensível a eléctricos obsoletos, amigos perdidos e coronéis da Guerra Civil afogados no tempo ou embriagados em recordações. Em Marte, as únicas gárgulas são os marcianos disfarçados de meus familiares da Cidade Verde, escondidos até conseguirem o que pretendem.

Sherwood Anderson não teria sabido manusear os balões de fogo da Noite da Independência. Acendi e lancei alguns em Marte e na Cidade Verde, deixando-os arder calma e pacientemente em ambos os livros. Ainda lá ardem, apenas com luz suficiente para ajudar à leitura.

Há cerca de dezoito anos, produzi o espectáculo *Crónicas Marcianas*, levado à cena numa sala de teatro da Wilshire Boulevard. Na mesma altura, a seis quarteirões para oeste, no Art Museum de Los Angeles, estava patente uma exposição itinerante sobre o egípcio Tutankhamon. Ao deambular da exposição para o espectáculo e do espectáculo para a exposição, fui tomado pelo espanto.

– Meu Deus – disse eu, ao ver a máscara dourada de Tutankhamon –, isto é Marte.

– Meu Deus – repeti, ao ver os meus marcianos em cena –, isto é o Egípto com os fantasmas de Tutankhamon.

Então, diante dos meus olhos e misturados na minha cabeça, velhos mitos foram renovados e novos mitos envolvidos em papiro e enfeitados com máscaras brilhantes.

Sem o saber, fora filho de Tut toda a minha vida ao escrever os hieróglifos do Mundo Vermelho, ao projectar futuros mesmo em passados cobertos de pó.

Sendo tudo isto verdade, por que razão é o meu livro *Crónicas Marcianas* frequentemente descrito como Ficção Científica?

As histórias nele contidas não se enquadram nessa categoria. Em todo o livro, apenas o conto *Chegarão Chuvas Suaves* obedece às leis da física tecnológica: a casa desta narrativa é uma das primeiras casas de Realidade Virtual que começaram a surgir entre nós nos últimos anos. Em 1950, um tal espaço teria custado uma fortuna. Contudo, hoje, com o advento dos computadores, da Internet, do *fax*, das cassetes de áudio, dos auscultadores *Walkman* e dos grandes ecrãs de televisão, as divisões da casa poderiam ser alimentadas por uma rede de circuitos baratos comprados na Circuit City.

Muito bem, então o que são estas *Crônicas*? São o rei Tut reerguido do túmulo quando eu tinha três anos, as Edas nórdicas quando eu tinha seis, e os deuses romanos e gregos de que me enamorei aos dez: pura mitologia. Se fossem ficção científica tecnologicamente eficiente e prática, teriam há muito caído por terra. Todavia, tratando-se de uma fábula autónoma e independente, até mesmo os físicos mais arreigados do Instituto de Tecnologia da Califórnia aceitaram a atmosfera de oxigénio falso que libertei em Marte. A ciência e as máquinas podem matar-se mutuamente ou ser substituídas. Já o mito, visto em espelhos, incapaz de ser tocado, perdura. Se não é imortal, quase o parece.

Por fim:

Não me digam o que estou a fazer. Não quero saber!

Que bela maneira de viver. A única maneira. Creio que, ao fingir ignorância, a intuição, despertada por essa aparente negligência, ergue a sua cabeça invisível, serpenteia pela palma das nossas mãos e sai sob formas mitológicas. E, uma vez que escrevi mitos, talvez ainda restem mais uns anos de vida impossível ao meu planeta Marte. Seja como for, há algo que me reconforta um pouco: o Instituto de Tecnologia da Califórnia continua a convidar-me para lá voltar.



Ray Bradbury

CRONOLOGIA

<i>Janeiro de 2030:</i>	O Verão do Foguetão	17
<i>Fevereiro de 2030:</i>	Ylla	19
<i>Agosto de 2030:</i>	A Noite de Verão	35
<i>Agosto de 2030:</i>	Os Homens da Terra	38
<i>Março de 2031:</i>	O Contribuinte	58
<i>Abril de 2031:</i>	A Terceira Expedição	60
<i>Junho de 2032:</i>	– E a Lua Mantenha o Mesmo Brilho	82
<i>Agosto de 2032:</i>	Os Colonos	114
<i>Dezembro de 2032:</i>	A Manhã Verde	116
<i>Fevereiro de 2033:</i>	Os Gafanhotos	123
<i>Agosto de 2033:</i>	Encontro Nocturno	124
<i>Outubro de 2033:</i>	A Costa	135
<i>Novembro de 2033:</i>	Os Balões de Fogo	137
<i>Fevereiro de 2034:</i>	Ínterim	161
<i>Abril de 2034:</i>	Os Músicos	162
<i>Mai de 2034:</i>	O Deserto	165
<i>2035–2036:</i>	A Atribuição dos Nomes	177
<i>Abril de 2036:</i>	Usher II	179
<i>Agosto de 2036:</i>	Os Velhos	200
<i>Setembro de 2036:</i>	O Marciano	201
<i>Novembro de 2036:</i>	A Loja de Malas	218
<i>Novembro de 2036:</i>	A Época Baixa	220
<i>Novembro de 2036:</i>	Os Observadores	235
<i>Dezembro de 2036:</i>	As Cidades Silenciosas	238
<i>Abril de 2057:</i>	Os Longos Anos	252
<i>Agosto de 2057:</i>	Chegarão Chuvas Suaves	266
<i>Outubro de 2057:</i>	O Piquenique de Um Milhão de Anos	275

Janeiro de 2030

O VERÃO DO FOGUETÃO

Num instante, era o Inverno típico do Ohio, com portas fechadas, janelas trancadas, vidraças cobertas de geada, pingentes de gelo em todos os telhados, crianças a esquiarem nas ladeiras, donas de casa envoltas nos seus casacos de peles a arrastarem-se pesadamente, como enormes ursos negros, pelas ruas geladas.

E, logo depois, uma longa onda de calor atravessou a pequena cidade. Uma avassaladora maré de ar quente; como se alguém tivesse deixado aberta a porta de uma padaria. O calor pulsou entre as casas, os arbustos e as crianças. Os pingentes de gelo caíram, despedaçando-se, e derreteram. As portas abriram-se de imediato. As janelas subiram por completo. As crianças livraram-se das suas roupas de lã. As donas de casa largaram os seus disfarces de urso. A neve dissolveu-se e revelou os velhos relvados verdes do Verão anterior.

O Verão do foguetão. As palavras passaram de boca em boca nas casas abertas e arejadas. *O Verão do foguetão.* O ar quente do deserto alterou os padrões da geada nas janelas, apagando as obras de arte. Os esquís e os trenós tornaram-se subitamente inúteis. A neve, que caía do céu frio sobre a cidade, transformou-se em chuva quente antes de tocar no chão.

O Verão do foguetão. As pessoas debruçaram-se nos seus alpendres gotejantes e observaram o céu, cada vez mais vermelho.

O foguetão, posicionado no campo de lançamento, expelia nuvens róseas de fogo e um calor abrasador. O foguetão erguia-se na manhã

fria de Inverno, criando o Verão a cada sopro dos seus potentes escapes. O foguetão alterou o clima e, por breves momentos, o Verão instalou-se sobre a terra...

Fevereiro de 2030

YLLA

Tinham uma casa com colunas de cristal no planeta Marte, nas margens de um mar vazio, e todas as manhãs era possível ver a senhora K a comer os frutos dourados que cresciam nas paredes de cristal ou a limpar a casa com punhados de poeira magnética que, arrastando consigo toda a sujidade, era levada pelo vento cálido. À tarde, quando o mar fossilizado ficava quente e estático, e as videiras se erguiam hirtas no quintal, e a pequena e distante cidade de ossos marciana se encontrava completamente fechada, e ninguém saía à rua, era possível ver o próprio senhor K no seu quarto, a ler um livro de metal com hieróglifos em relevo sobre os quais passava a mão, como quem toca harpa. E do livro, ao subtil contacto dos seus dedos, surgia um canto, uma voz suave e antiga, que contava histórias do tempo em que o mar era um vapor vermelho no litoral e os homens levavam para a batalha nuvens de insectos metálicos e aranhas eléctricas.

O senhor e a senhora K viviam junto ao mar morto havia vinte anos e, durante dez séculos, os seus antepassados tinham vivido naquela mesma casa, que girava e seguia o Sol, como uma flor.

O senhor e a senhora K não eram velhos. Tinham a pele clara e acastanhada dos verdadeiros marcianos, os olhos semelhantes a moedas amarelas, a voz suave e musical. Em tempos, alegrara-os pintar quadros com fogo químico, nadar nos canais nas estações em que as videiras os enchiam de licores verdes e falar até ao raiar do dia junto aos retratos azuis fosforescentes na sala de conversar.

Agora não eram felizes.

Naquela manhã, a senhora K deteve-se entre as colunas para ouvir as areias do deserto, que aqueciam até se transformarem em cera amarela e pareciam deslizar no horizonte.

Algo estava prestes a acontecer.

E ela esperou.

Observava o céu azul de Marte como se, a qualquer momento, este pudesse apertar-se a si mesmo, contrair-se e expelir um milagre brilhante sobre a areia.

Nada aconteceu.

Cansada de esperar, avançou por entre as colunas enevoadas. Uma chuva branda começou a brotar dos capitéis canelados, refrescando o ar abrasador e caindo suavemente sobre ela. Nos dias quentes, era como caminhar num riacho. Os pisos da casa reluziam com os fios de água fresca. Ouviu ao longe o marido a tocar o livro ininterruptamente, sem que os dedos se cansassem das canções antigas. Em silêncio, desejou que ele voltasse a passar muito tempo a abraçá-la e a tocá-la como uma pequena harpa, como agora fazia com os seus incríveis livros.

Mas não. Abanou a cabeça e encolheu os ombros de modo imperceptível e indulgente. As pálpebras fecharam-se-lhe delicadamente sobre os olhos dourados. O casamento tornava as pessoas velhas e acomodadas, quando ainda eram jovens.

Reclinou-se numa cadeira que se movia para se moldar ao seu corpo, mesmo quando ela se mexia. Fechou os olhos com força e nervosismo.

E teve o sonho.

Os seus dedos castanhos tremeram, ergueram-se, agarraram o ar. Instantes depois, endireitou-se, sobressaltada e ofegante.

Olhou rapidamente em redor, como se esperasse ver alguém diante dela. Pareceu desapontada: o espaço entre as colunas estava vazio.

O marido surgiu numa porta triangular.

- Chamaste-me? – perguntou ele, irritado.
- Não! – gritou ela.
- Pareceu-me que te ouvi gritar.
- Gritei? Estava quase a dormir e tive um sonho.
- Durante o dia? Não é teu costume.

A senhora K estava sentada como se tivesse sido esbofeteada pelo sonho.

- Estranho, muito estranho – murmurou ela. – O sonho.
- Sim?

Era evidente que o senhor K queria voltar para o seu livro.

- Sonhei com um homem.
- Um homem?
- Um homem alto, com um metro e oitenta.
- Que absurdo. Um gigante, um gigante disforme.
- De alguma forma – tentou encontrar as palavras certas –, parecia normal. Apesar de ser tão alto. E tinha... oh, sei que te vai parecer descabido, mas ele tinha olhos *azuis*!

– Olhos azuis! Deuses! – exclamou o senhor K. – Que mais sonhaste tu? Não me digas que tinha o cabelo *preto*.

- Como é que *adivinhaste*? – perguntou ela, excitada.
- Escolhi a cor mais improvável – respondeu ele, friamente.
- Bem, mas era mesmo preto! – exclamou a senhora K. – E a pele era muito branca. Oh, ele era *muito* invulgar! Usava um uniforme estranho, desceu do céu e falou comigo amavelmente. – Sorriu.

– Desceu do céu? Que absurdo!

– Chegou numa coisa metálica que brilhava ao sol – recordou ela, fechando os olhos para de novo lhe dar forma. – Sonhei que, ao olhar para o céu, vi algo a cintilar como uma moeda atirada ao ar. De repente, tornou-se maior e começou a descer lentamente até aterrar: uma nave prateada e comprida, arredondada e estranha. E abriu-se uma porta no objecto prateado e aquele homem alto saiu.

- Se trabalhasses mais, não terias esses sonhos disparatados.

– Na verdade, gostei bastante dele – respondeu a senhora K, reclinando-se. – Nunca pensei ter tanta imaginação. Cabelo preto, olhos azuis e pele branca! Sem dúvida, um homem estranho. E, ainda assim, muito bonito.

– Uma projecção dos teus desejos.

– Estás a ser cruel. Não o imaginei de propósito; surgiu apenas na minha mente enquanto eu dormitava. Nem parecia um sonho. Foi tão inesperado e diferente. Ele olhou para mim e disse: «Venho do terceiro planeta a bordo da minha nave. O meu nome é Nathaniel York...»

– Um nome estapafúrdio; nem sequer é um nome – objectou o marido.

– Claro que é estapafúrdio, é um sonho – explicou ela, calmamente. – E ele disse ainda: «Esta é a primeira viagem através do espaço. Somos apenas dois na nossa nave, eu e o meu amigo Bert.»

– *Outro* nome estapafúrdio.

– E acrescentou: «Somos de uma cidade na Terra; é o nome do nosso planeta» – continuou a senhora K. – Foi o que ele disse. «Terra» foi o nome que proferiu. E falava outra língua. Mas, de algum modo, consegui compreendê-lo. Com a minha mente. Telepatia, suponho.

O senhor K virou-se para sair, mas a mulher deteve-o com uma palavra.

– Yll? – chamou ela, serenamente. – Já alguma vez perguntaste para ti se... bem, se existem pessoas a viver no terceiro planeta?

– O terceiro planeta é incapaz de suportar vida – afirmou, de modo paciente, o marido. – Os nossos cientistas disseram que há demasiado oxigénio naquela atmosfera.

– Mas não seria fascinante se lá *existissem* pessoas? E se viajassem através do espaço numa espécie de nave?

– Francamente, Ylla, já sabes que detesto esse tipo de desvario sentimental. Vamos retomar o nosso trabalho.

O dia já ia avançado quando ela começou a cantar enquanto se movimentava por entre as colunas de chuva sussurrantes. Repetiu a canção vezes sem conta.

– Que canção é essa? – interrompeu-a por fim o marido, acercando-se para se sentar à mesa de fogo.

– Não sei – respondeu ela, erguendo os olhos, surpreendida consigo mesma. Levou a mão à boca, incrédula.

O Sol começava a pôr-se. A casa fechava-se sobre si própria, como uma flor gigante, à medida que a luz ia esmorecendo. O vento soprou por entre as colunas e, na mesa de fogo, a ardente poça de lava prateada borbulhou. O vento agitou o cabelo castanho-avermelhado da senhora K, cantarolando brandamente nos seus ouvidos. A senhora K ficou em silêncio a olhar a enorme extensão pálida do fundo do mar, como se estivesse a recordar algo, com os seus afáveis e húmidos olhos amarelos.

– *Drink to me only with thine eyes, and I will pledge with mine* – cantou ela em voz baixa, lenta e docemente. – *Or leave a kiss within the cup, and I'll not ask for wine.*¹ – Agora trauteava de olhos fechados, movendo com leveza as mãos pelo vento. Terminou a canção.

Era muito bela.

– Nunca tinha ouvido essa canção. Foste tu que a compuseste? – perguntou-lhe o marido, fitando-a.

– Não. Sim. Não, na verdade, não sei! – hesitou, nervosa. – Nem sequer sei o que significam as palavras; são noutra língua!

– Que língua?

Entorpecida, a senhora K deixou cair alguns pedaços de carne na lava que fervia.

– Não sei – respondeu ela, momentos antes de retirar a carne cozinhada e de a servir num prato ao marido. – É apenas uma tolice que inventei, suponho. Nem sei porquê.

O senhor K não disse nada. Ficou a observar a mulher enquanto esta mergulhava as carnes na poça de fogo sibilante. O Sol desaparecera.

1 «Brinda por mim apenas com os teus olhos e eu me comprometerei com os meus.» «Ou deixa um beijo na taça e eu não pedirei vinho». Antiga canção popular inglesa cujos versos foram escritos, no início do século xvii, pelo dramaturgo e poeta Ben Jonson. Versão do tradutor, a partir do original. [N. T.]

Muito lentamente, a noite caiu e preencheu a sala, engolindo as colunas e engolindo-os a ambos, como um vinho escuro derramado a partir do tecto. Apenas o brilho da lava prateada lhes iluminava os rostos.

A senhora K trauteou de novo a estranha canção.

No mesmo instante, o senhor K levantou-se bruscamente da cadeira e saiu da sala, irritado.

Mais tarde, sozinho, acabou de jantar.

Quando se levantou, espreguiçou-se, lançou um olhar à mulher e sugeriu, com um bocejo:

– Peguemos nos pássaros de fogo e vamos à cidade esta noite ver um espectáculo.

– Não deves estar a falar a sério – disse ela. – Estás a sentir-te bem?

– Qual é a surpresa?

– Não saímos há seis meses!

– Julgo que é uma boa ideia.

– De repente, ficaste tão solícito – comentou ela.

– Não fales assim – contestou ele, rabugento. – Queres ir ou não?

A senhora K olhou para o deserto pálido. As luas gémeas e brancas estavam a nascer. A água fria corria devagar em redor dos dedos dos seus pés. Começou a tremer um pouco. Queria muito ficar ali sentada, quieta, em silêncio, sem se mexer até que aquilo ocorresse, aquilo por que esperara o dia inteiro, aquilo que não poderia acontecer, mas talvez acontecesse. Um princípio de canção perpassou-lhe a mente.

– Eu...

– Faz-te bem – insistiu o marido. – Vamos lá.

– Estou cansada – disse ela. – Talvez noutra noite.

– Aqui tens o teu lenço – disse o senhor K, passando-lhe para a mão um pequeno frasco de vidro. – Há meses que não vamos a lado nenhum.

– Tu costumavas ir duas vezes por semana à cidade de Xi – respondeu a senhora K, sem o encarar.

– Em negócios – afirmou ele.

– Ai sim? – murmurou ela para si mesma.

Um líquido jorrou do frasco e converteu-se numa névoa azul que ondulava em redor do pescoço da senhora K.

Os pássaros de fogo esperavam, como um leito de carvão incandescente, sobre as areias frias e macias. A canópia branca inchou com o vento da noite, agitando-se levemente, amarrada aos pássaros por mil fitas verdes.

Ylla recostou-se na canópia e, a uma palavra do marido, os pássaros saltaram, ardentes, em direcção ao céu escuro. As fitas retesaram-se, a canópia elevou-se. A areia deslizava por baixo deles com um som plangente, as colinas azuis passavam uma a seguir à outra, deixando para trás a casa, as colunas chuvosas, as flores engaioladas, os livros cantantes, os riachos de soalho sussurrante. Não olhou para o marido. Ouviu-o gritar aos pássaros enquanto estes subiam cada vez mais alto, como dez mil centelhas quentes, incontáveis fogos-de-artifício vermelho-amarelados nos céus, que puxavam a canópia como a pétala de uma flor a arder ao vento.

Não viu as cidades mortas, antigas peças de xadrez feitas de ossos que deslizavam lá em baixo, nem os velhos canais cheios de vazio e sonhos. Como uma sombra da lua, como uma tocha acesa, voaram sobre rios e lagos secos.

Ylla contemplava apenas o céu.

O marido falou.

Ylla contemplava o céu.

– Ouviste o que eu disse?

– O quê?

Ele suspirou.

– Podias prestar atenção.

– Estava a pensar.

– Nunca imaginei que fosses uma amante da natureza, mas parece que estás muito interessada no céu esta noite – disse ele.

– É muito belo.

– Estou a ver – disse o marido, lentamente. – Estava a pensar ligar ainda hoje ao Hulle. Gostaria de falar com ele sobre a possibilidade de passarmos algum tempo, digamos, apenas cerca de uma semana, nas Montanhas Azuis. É só uma ideia...

– As Montanhas Azuis! – Ylla segurou-se com uma mão à borda da canópia, virando-se rapidamente para ele.

– Oh, é apenas uma sugestão.

– Quando queres ir? – perguntou ela, tremendo.

– Pensei que poderíamos partir amanhã de manhã. Sabes como é, sair cedo e tudo isso – disse ele, com indiferença.

– Mas *nunca* vamos tão cedo no ano!

– Só desta vez, pensei eu... – Sorriu. – Faz-nos bem ir para fora. Ter alguma paz e sossego. Tu sabes. Não tens mais *nada* planeado, pois não? Vamos, não vamos?

Ylla respirou fundo, fez um compasso de espera e só então respondeu:

– Não.

– O quê?

O grito do marido assustou os pássaros. A canópia sofreu um puxão.

– Não – disse ela, com firmeza. – Está decidido. Não vou.

O marido olhou para ela. Não falaram mais. E ela virou-se para o outro lado.

Os pássaros continuaram a voar, dez mil tições ao vento.

Quando amanheceu, o Sol, atravessando as colunas de cristal, derreteu o nevoeiro que suportava Ylla enquanto esta dormia. Durante toda a noite, ficara suspensa sobre o chão, apoiada pela macia carpete de névoa que brotara das paredes quando se deitara para descansar. Dormira toda a noite neste rio silencioso, como um barco

numa corrente sem som. Agora, o calor dissipava o nevoeiro e o nível dessa bruma ia baixando até a depositar nas margens do despertar.

Abriu os olhos.

O marido estava de pé a seu lado. Parecia estar ali há horas a observá-la. Não sabia porquê, mas não conseguia olhá-lo nos olhos.

– Estiveste a sonhar outra vez! – disse ele. – Falavas alto e não me deixaste dormir. Acho *mesmo* que devias consultar um médico.

– Eu fico bem.

– Falaste muito durante o sono!

– Falei? – perguntou ela, começando a ficar desperta.

O amanhecer era frio no quarto. Uma luz cinzenta envolvia-a enquanto se mantinha ali deitada.

– Com que sonhaste?

Ylla teve de pensar durante um instante para se conseguir lembrar.

– A nave. Veio do céu de novo, aterrou e o homem alto saiu e falou comigo, contando pequenas piadas e rindo. Foi agradável.

O senhor K tocou numa coluna. Brotaram fontes de água morna, fumegante. O frio desapareceu do quarto. O rosto do senhor K estava impassível.

– E depois – disse ela – aquele homem, cujo estranho nome era Nathaniel York, disse-me que eu era bela e... beijou-me.

– Ah! – gritou o marido, virando-se furiosamente, com os dentes cerrados.

– Foi apenas um sonho – disse Ylla, divertida.

– Guarda esses sonhos femininos e disparatados para ti!

– Estás a agir como uma criança. – Voltou a deitar-se nos restos da névoa química. Instantes depois, começou a rir baixinho. – Lembrei-me de *mais* uma coisa do sonho – confessou.

– E o que foi, o que foi? – bradou ele.

– Yll, estás tão irritado.

– Diz-me! – exigiu o senhor K. – Não podes esconder nada de mim!

– Debruçado sobre a mulher, tinha o rosto sombrio e endurecido.

– Nunca te vi assim – comentou ela, meio chocada, meio divertida. – Tudo o que aconteceu foi que esse tal Nathaniel York me disse... bem, disse-me que me levaria com ele para a nave, com o intuito de me transportar pelo céu até ao planeta dele. É, na verdade, bastante ridículo.

– Sim, ridículo! – quase berrou o senhor K. – Devias ter-te ouvido a adulá-lo, a falar com ele, a cantar com ele, oh, deuses, durante toda a noite. Devias ter-te *ouvido*!

– Yll!

– Quando é que ele aterrava? Onde é que vai pousar a maldita nave?

– Yll, baixa o tom de voz.

– Quero lá saber do tom de voz! – Curvou-se rigidamente sobre ela. – E *nesse* sonho – agarrou-a pelo pulso –, a nave não aterrava, por acaso, no Vale Verde? Responde-me!

– Mas sim...

– E aterrava esta tarde, não era? – insistiu com a mulher.

– Sim, sim, julgo que sim, mas apenas no sonho!

– Bem – disse o senhor K, soltando-lhe rudemente a mão –, pelo menos és sincera! Ouvi tudo o que disseste durante o sono. Mencionaste o vale e a hora.

Ofegante, caminhou por entre as colunas como um homem cego por um relâmpago. Aos poucos, foi recuperando a respiração. A mulher olhava-o como se estivesse louco. Por fim, levantou-se e foi ter com ele.

– Yll – murmurou ela.

– Estou bem.

– Estás doente.

– Não. – Forçou um ligeiro sorriso. – Foi apenas uma infantilidade. Perdoa-me, querida. – Deu-lhe uma palmadinha desajeitada. – Demasiado trabalho nos últimos tempos. Acho que me vou deitar um pouco...

– Estavas tão exaltado.

– Estou bem agora. Muito bem. – Suspirou. – Vamos esquecer isto. Sabes, ontem ouvi uma piada sobre o Uel que te tencionava contar. Se concordares, preparas o pequeno-almoço, eu conto-te a piada e não falamos mais disto.

– Foi apenas um sonho.

– Claro. – Beijou-a na face, mecanicamente. – Apenas um sonho.

Ao meio-dia, as colinas tremeluziam sob a luz do Sol alto e abrasador.

– Não vais à cidade? – perguntou Ylla.

O senhor K ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

– À cidade?

– Costumas ir *sempre* neste dia.

Ylla ajustou uma gaiola de flores no seu pedestal. As flores agitaram-se, abrindo as bocas amarelas e famintas.

O senhor K fechou o livro.

– Não. Está demasiado calor e já é tarde.

– Ah – disse ela, acabando a tarefa que tinha em mãos e dirigindo-se para a porta. – Bem, volto daqui a pouco.

– Espera um minuto! Aonde vais?

– Vou à casa da Pao. Ela convidou-me! – respondeu Ylla, já junto à porta.

– Hoje?

– Não a vejo há muito tempo. E vive perto.

– No Vale Verde, não é?

– Sim, vou a pé, não é longe. Pensei... – disse ela, apressando-se.

– Lamento, lamento muito – disse ele, enquanto corria para a ir buscar, parecendo bastante preocupado com o esquecimento. – Varrera-se-me da memória. Convidei o doutor Nlle para nos visitar hoje à tarde.

– O doutor Nlle! – exclamou ela, passando o limiar da porta.

– Sim – respondeu ele, agarrando-a pelo cotovelo e puxando-a para dentro.

– Mas a Pao...

– A Pao pode esperar, Ylla. Temos de fazer companhia ao Nlle.

– Só por alguns minutos...

– Não, Ylla.

– Não?

O senhor K abanou a cabeça.

– Não. Além disso, é uma longa caminhada até à casa da Pao. É preciso atravessar todo o Vale Verde e depois passar o grande canal e descer, não é? E fará muito, muito calor, e o doutor Nlle ficaria encantado por te ver. Certo?

Ylla não respondeu. Queria soltar-se e fugir. Queria gritar. Mas tudo o que fez foi sentar-se na cadeira, virando os dedos devagar. Deixou-se ficar a observá-los fixamente, sem expressão, encurralada.

– Ylla? – murmurou o marido. – *Vais* ficar aqui, não vais?

– Sim – disse ela, após uma longa pausa. – Vou ficar aqui.

– A tarde toda?

– A tarde toda – respondeu ela, num tom de voz abafado.

Ao fim do dia, o doutor Nlle ainda não tinha aparecido. O marido de Ylla não parecia muito surpreendido. Quando já era muito tarde, murmurou algo, dirigiu-se a um armário de onde tirou uma arma maligna, um longo tubo amarelado que terminava num fole e num gatilho. Virou-se e, no rosto, exibia uma máscara de prata martelada, inexpressiva, a máscara que ele usava sempre que pretendia esconder os seus sentimentos, a máscara que se arqueava e ajustava tão perfeitamente às suas faces magras, ao queixo e à testa. A máscara reluzia, e ele segurava a arma maligna nas mãos, examinando-a. Fazia um zumbido constante, um zumbido de insectos. Dela poderiam ser lançadas, num grito agudo, hordas de abelhas douradas. Abelhas douradas e horríveis que picavam, envenenavam e caíam sem vida, como sementes sobre a areia.

– Aonde vais? – perguntou Ylla.

– O quê? – O senhor K estava concentrado no terrível zumbido do fole. – O doutor Nlle está atrasado e não me apetece continuar à espera.

Vou sair para caçar um pouco. Já volto. E tu não saias daqui, está bem? – A máscara prateada reluzia.

– Sim.

– E diz ao doutor Nlle que não demorarei muito, que saí apenas para caçar.

A porta triangular fechou-se. Os passos foram deixando de se ouvir à medida que ele descia a colina.

Ylla observou o marido a caminhar por entre a luz do Sol até desaparecer. Depois retomou as suas tarefas relacionadas com as poeiras magnéticas e os novos frutos que tinham de ser colhidos das paredes de cristal. Trabalhava com energia e diligência, mas, por vezes, era tomada de um torpor e dava por si a cantar aquela estranha e memorável canção, com os olhos postos no céu, para lá das colunas de cristal.

Susteve a respiração e ficou muito quieta, à espera.

Estava a aproximar-se.

Poderia acontecer a qualquer momento.

Era como um daqueles dias em que ouvíamos o aproximar de uma tempestade e havia o silêncio da espera, e então, com a menor pressão atmosférica, o clima lançava-se sobre a terra em rajadas, sombras e vapores. E a mudança zumbia nos ouvidos e ficávamos suspensos no tempo de espera pela tempestade que se aproximava. Começávamos a tremer. O céu ficava manchado e colorido. As nuvens tornavam-se mais espessas. As montanhas adquiriam um tom ferruginoso. As flores engaioladas esvoaçavam com ténues suspiros de aviso. Sentíamos o nosso cabelo a agitar-se ao de leve. Algures na casa, o relógio-falante entoava «Tempo, tempo, tempo, tempo...», sempre numa voz branda, como a queda de gotas de água sobre veludo.

E, depois, a tempestade. Os focos de iluminação eléctrica. Os jorros de água escura e o negro ruidoso que caíam e se acercavam, sem parar.

Era assim agora. Formava-se uma tempestade, embora o céu permanecesse limpo. Esperavam-se relâmpagos, mas não havia nuvens.

Ylla percorreu a abafada casa de Verão. Os raios cairiam do céu a qualquer instante: haveria um trovão, um casulo de fumo, um silêncio, passos na entrada, uma pancada na porta cristalina, e ela *correria* para a abrir...

– Ylla, sua louca! – disse ela, escarnecendo de si mesma. – Por que razão se dedica a tua mente ociosa a tais pensamentos desvairados?

E foi então que aconteceu.

Sentiu um calor intenso, como se um grande incêndio atravessasse o ar. Um som turbilhonante, impetuoso. No céu, um raio de metal.

Ylla soltou um grito.

Ao correr por entre as colunas, escancarou uma porta. Ficou de frente para as colinas. Mas, naquele momento, já não havia mais nada.

Preparava-se para correr colina abaixo quando se deteve. Era suposto ficar ali, não ir a lado nenhum. O médico viria visitá-los e o marido ficaria zangado se ela fugisse.

Esperou à porta, ofegante, de mão estendida.

Esforçou-se por ver na direção do Vale Verde, mas não conseguiu distinguir nada.

«És uma tonta», pensou, voltando para dentro. «Tu e a tua imaginação. Não foi mais do que um pássaro, uma folha, o vento ou um peixe no canal. Senta-te. Descansa.»

Sentou-se.

Ouviu-se um tiro.

O som muito claro, muito agudo, da maligna arma de insectos.

O corpo estremeceu-lhe com o estampido.

Vinha de muito longe. Um tiro. O zumbido veloz das abelhas distantes. Um tiro. E, depois, um segundo tiro, preciso e frio, e longínquo.

Sentiu o corpo a retrair-se de novo e, por alguma razão, ergueu-se e pôs-se aos berros, aos berros como se nunca mais quisesse parar de berrar. Correu freneticamente pela casa e, mais uma vez, escancarou a porta.

Os ecos dissipavam-se aos poucos na distância.

E acabaram por desaparecer.

Ylla esperou no jardim, com o rosto pálido, durante cinco minutos.

Por fim, com passos lentos, cabisbaixa, deambulou pelas divisões adornadas de colunas, passando as mãos pelos objectos, sentindo os lábios a tremer, até acabar por se sentar sozinha à espera na sala do vinho, que escurecia. Começou a limpar um copo de âmbar com a ponta do seu lenço.

Nesse instante, ao longe, ouviu-se o som de passos a calcar as pedras pequenas e finas.

Levantou-se para ficar posicionada no centro da sala silenciosa. O copo caiu-lhe dos dedos e estilhaçou-se no chão.

Os passos hesitaram do lado de fora da porta.

Deveria falar? Deveria gritar: «Entre, oh, entre»?

Avançou um pouco.

Os passos subiram a rampa. Uma mão fez girar o trinco da porta.

Ylla sorriu para a porta.

A porta abriu-se. E ela parou de sorrir.

Era o marido. A máscara prateada emanava um brilho fosco.

Entrou na sala e olhou para a mulher apenas por um momento. Depois abriu rapidamente o fole da arma, tirou duas abelhas mortas, ouviu-as bater no chão ao cair, pisou-as e colocou a arma com o fole vazio ao canto da sala, enquanto Ylla se baixava e tentava, por várias vezes, mas sem sucesso, juntar os pedaços do copo estilhaçado.

– Que estiveste a fazer? – perguntou ela.

– Nada – respondeu ele, de costas viradas, tirando a máscara.

– Mas a arma... Ouvi-te a dispará-la. Duas vezes.

– Estava só a caçar. De vez em quando, sabe bem caçar. O doutor Nlle já chegou?

– Não.

– Espera lá. – Estalou os dedos com um ar desgostoso. – Pois claro, lembrei-me agora. Era suposto visitar-nos *amanhã* à tarde. Que estupidez a minha.

Sentaram-se para comer. Ylla olhou para a comida e não mexeu as mãos.

– Que se passa? – perguntou ele, sem levantar os olhos da carne que ia mergulhando na lava borbulhante.

– Não sei. Não tenho fome – respondeu ela.

– Porquê?

– Não sei. Simplesmente, não tenho.

O vento levantava-se pelo céu. O Sol descia. A sala era pequena e ficou fria de repente.

– Tenho estado a tentar lembrar-me – disse ela, na sala silenciosa, diante do marido frio, apumado e de olhos dourados.

– Lembrares-te do quê? – Bebeu um trago de vinho.

– Daquela canção. Daquela canção doce e bela. – Fechou os olhos e cantarolou, mas não era a canção. – Esqueci-a. E, por algum motivo, não me quero esquecer dela. É algo de que me quero lembrar para sempre. – Começou a mexer as mãos, como se o ritmo a pudesse ajudar a recordá-la toda. Depois recostou-se na cadeira. – Não me consigo lembrar. – E começou a chorar.

– Porque choras? – perguntou-lhe o marido.

– Não sei, não sei, mas não o consigo evitar. Estou triste e não sei porquê, choro e não sei porquê, mas estou a chorar.

Chorava com a cabeça entre as mãos, movendo repetidamente os ombros.

– Amanhã estarás melhor – disse ele.

Ylla não o encarou. Olhou apenas para o deserto vazio e para as estrelas muito brilhantes que despontavam agora no céu negro. E, ao longe, ouvia-se o som do vento que se levantava e das águas que se agitavam, geladas, nos longos canais. A tremer, fechou os olhos.

– Sim – disse ela. – Amanhã estarei melhor.

«Não precisamos de outros mundos, precisamos de espelhos, não queremos conquistar o cosmo, só queremos estender as fronteiras da Terra até ele», escreveria muitos anos depois destas *Crônicas Marcianas* Stanisław Lem, em *Solaris*, uma das outras grandes obras que ultrapassam em muito as fronteiras da ficção científica e que são, em certa medida, devedoras deste livro fundador de Bradbury, publicado pela primeira vez em 1950, sobre a chegada do Homem a Marte — um território de mares vazios, colunas de cristal e ruínas de cidades axadrezadas, habitado por uma misteriosa civilização — e as suas tentativas de conquistar e colonizar este planeta.

As *Crônicas Marcianas* tornaram-se uma das obras mais célebres e traduzidas de Ray Bradbury, oferecendo uma visão da essência contraditória do Homem, dos seus sonhos de infinito e da sua natureza destrutiva. Borges, um dos muitos confessos admiradores desta obra, dedicou-lhe um dos seus famosos Prólogos, no qual se interrogava: «Que fez este homem de Illinois para que, ao fechar as páginas do seu livro, episódios sobre a conquista de outro planeta me povoem de terror e de solidão? Como podem estas fantasias tocar-me de um modo tão íntimo?»

A presente tradução segue a nova edição revista desta obra.

ISBN 978-989-564-694-4
9 789895 646944



cavalo de ferro